

A VIRTUDE DO AGIR

VAZ, Henrique C. de Lima. **Platonica. Cap.5 Platão Revisitado: Ética e metafísica nas origens platônicas**. São Paulo: Loyola, 2011, pp.103-129, *Escritos de Filosofia VIII*.

Thiago Proti*

Inspirados pelo título, “Platão Revisitado”, é que devemos conciliar o autor Henrique Cláudio de Lima Vaz ao livro publicado em 2011 pela Loyola, “**Platônica**”, *Escritos de filosofia VIII*, e que vem coroar um trabalho de quase cinco décadas, daquele que se dizia um trabalhador da filosofia.

Quando pensamos acerca da verdadeira natureza da ética, encontramos uma série de paradigmas, no que tange a sua definição, e de modo conjunto a prática desta mesma ética. O autor H.C. de Lima Vaz reconhece as dificuldades interpretativas que são encontradas ao se estudar Platão, devido a distância temporal que nos separa do filósofo grego. Cuidadoso para não se precipitar ao intuir o real conteúdo dos ensinamentos platônicos, Vaz, segue pelo caminho que conduz a uma leitura minuciosa diretamente aos escritos dialógicos de Platão.

Em contrapartida, o autor nos informa sobre um outro plano de leitura das obras platônicas. Poderíamos, segundo o autor, atribuir aos ensinamentos orais de Platão, talvez a chave para a compreensão da teoria dos princípios. No entanto, creditar muita confiança ao que se chama “*agrapha dogmata*” é pouco prudente, considerando que os conteúdos dessas aulas provavelmente foram distorcidos ao longo da história.

O capítulo do livro, sobre o qual aqui se pretende discorrer, é repleto de conceitos, e suas respectivas explicações fazem com que a construção do conteúdo aconteça de forma bastante densa. Para que não façamos da nossa leitura uma laboriosa descrição, temos de dialogar com o que Platão tem a nos dizer.

* Graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Com dois termos muitíssimos complicados, Ética e Metafísica, Vaz estabelece um entrelaçamento, que os coloca em paralelo, Logo de imediato, temos de relacionar tais termos a um retorno à teoria dos princípios, para *a posteriori* compreendermos o modo tal como Platão descreve a liberdade.

Sem deixar escapar ao bom entendimento a explicação que subentende à elevação de ética e metafísica, e não obstante, esclarecer a “*teia*” de conceitos que acompanham esse emaranhado teórico, faz-se necessário definirmos o lugar da *práxis*, ou seja, do saber prático, em dependência à metafísica, haja vista portanto, que a *práxis* está sujeita à razão. Importante também é que, sendo a ética passível de se prolongar ao limiar da metafísica, esta mesma ética coloca a *práxis* sob condução da teoria. Para explicar o conceito ocidental de liberdade, devemos primeiro, retirar da ética a característica que a torna submissa ao destino, e estabelecê-la como sendo necessitaria da razão, feito isso, liberdade seria regida pelo *logos*, tendo a razão como iluminação.

A via de pensamento pela qual o autor expõe o capítulo “Platão Revisitado”, de certo modo perpassa um caminho que, se bem seguido, conduz o leitor a uma compreensão de liberdade. Mas o diferencial estaria na característica dessa liberdade metafísica – platônica, pois haveria de refletir sobre um ideal de liberdade, que é bem acompanhado por uma ética normativa, melhor dizendo, uma liberdade de escolha que é regida pela razão, ou ética (metafísica do agir do ser).

Levemos em consideração a preocupação que afligia Platão, no sentido de que se fazia necessária uma afirmação desse conceito de liberdade, tanto no âmbito individual, como também na polis. Estaria Platão fundando em princípios consideravelmente sólidos, a Academia platônica. Assim, desde que é sabido, Atenas e a cultura grega de modo geral passavam por um momento de crise, a *polis* se via conturbada devido ao seu modelo político. A democracia era segundo Platão um dos cernes dessa crise, seja pelos motivos descritos no Livro VIII da “*República*”, como também pode ser pensada tal crise, imanente da deficiência ética e moral dos cidadãos e dos governantes. Por tais motivos, Platão firma sua academia, à luz de um quadro teórico, que primava por conciliar, ou interligar, assuntos que refletiam sobre o ideal de virtude grega, sob uma perspectiva ética condizente ao agir do ser, de tal maneira, se define uma liberdade auto-centrada na metafísica; a liberdade é então comedida, guiada por um *logos* normativo, que dirige a mesma liberdade, tendendo

em função do Bem ideal ou perfeição. Tratando-se do sujeito, o mesmo para ser livre, deveria ser também virtuoso.

Apreende-se no texto de Vaz que, um salto genial que Platão executou, foi teorizar algo referente ao indivíduo, tendo como referências a primeira e segunda navegação, pois ali se diz que, o sujeito jamais poderia alcançar sua plenitude enquanto ser, enquanto sujeito mortal. A escola platônica propunha ao indivíduo um trabalho intelectual que levaria toda uma vida, que por sua vez, se bem vivida, abriria uma possibilidade para a ascensão do humano, a um plano cuja natureza existencial seriam as ideias, puras e verdadeiras.

Reflexão ou meditação metafísica pode ser analisada e descrita como um “itinerário filosófico”, um roteiro do *logos* como diz o autor. É inegável a influência platônica no pensamento ocidental, mesmo ainda na contemporaneidade somos convidados a um retorno filosófico aos conceitos e teorias de Platão. Talvez se deva ao contexto histórico-cultural em que vivia Platão, na virada do século V ao século IV a.C, que o fez sentir na obrigação de reorganizar a situação caótica em que estava imersa Atenas, a Grécia de modo geral. Tal caos se manifestava também nas correntes filosóficas. A sofística, por exemplo, com impulsos de diferentes sentidos que fizeram com que Platão se dedicasse a escrever algo de benéfico e que solucionasse os problemas políticos, e em termos sociais, a estruturação da ética e não obstante a carência espiritual e ou religiosa.

Metafísica platônica é, como se sabe, bem diferente de metafísica cartesiana ou kantiana. Platão pensa a iluminação da ideia como determinante para a elevação do indivíduo, e não sendo um exagero se dissermos que além de se diferenciar das demais metafísicas, a platônica, também se sobressai. Dado que não se atém somente ao contexto histórico-cultural, carrega em si de maneira intrínseca uma característica capaz de perpassar muitíssimas épocas, ao contemplar as ideias, mira-se em um ideal perfeito. O Bem é desejado, causando um ciclo virtuoso, algo quase que universal, a vontade de conhecer o que é perfeito.

Interessante se refletirmos a religião, em específico o Cristianismo, é possível correlacionar ética e metafísica platônicas ao ideal contemplativo da religião cristã, dita essa religião que tem como ideologia a contemplação do divino, que fica no campo da perfeição. Mais interessante ainda se pensarmos que dentro desse universo espiritual cristão, a conduta do indivíduo, na perspectiva ética e moral, é regida por um rigor no agir,

em respeito e submissão ao divino, o Bem-Uno, pode ser chamado de Deus. Mas essa conduta do humano em submissão ao perfeito deve ser interpretada por um outro prisma no que tange a expectativa do indivíduo de conhecer o que é perfeito.

Agir de forma virtuosa, respeitando os limites da sua liberdade, tudo isso porque o sujeito cristão, tem a noção da inferioridade redundante em sua mortalidade, cabe ao sujeito vigiar para que não caia em efemeridades, para então depois de uma vida trabalhosa, desde que vivida de forma boa eticamente falando, ter a chance de conhecer o divino.

Em síntese, mas preservando o paralelo feito com campo religioso, recorda-se o Livro V da *República* de Platão, no que se refere as ondas enfrentadas pela polis grega, a educação paritária entre homens e mulheres era um tema demasiadamente complicado, mas Platão defende que ser possível que se eduquem as mulheres paritariamente aos homens, argumentando que seria hipocrisia almejar o belo e perfeito quando se age de forma maldosa. O riso da situação em que coloca a mulher ao lado do homem em atividades antes apenas masculinas, é pelo filósofo um “exemplo (que) vem demonstrar como é tolo quem considera risível outra coisa além do mal, e também que quem se esforça em provocar o riso com espetáculo que não seja o da loucura e do vício, empenha-se em alcançar o belo por prisma diferente do da bondade” (Platão. *Rep.* Liv. V, 452 e).

Parece que na atualidade em que vivemos, a questão da mulher em igualdade com o homem, ainda é problemática e o velho Platão já apontava alguns indícios que passavam, sobretudo, pela boa educação. Em sua obra “Platonica”, Vaz nos propõe neste quinto capítulo, *Ética e metafísica*, embarcarmos rumo às origens platônicas, para que nessa perspectiva revisitemos um conjunto de escritos, com a intenção de nos reencontrarmos, com aquilo que, se não o praticamos devidamente, ao menos temos a ligeira impressão de estarmos perdendo a maneira virtuosa de agir, a reflexão metafísica da ética, ou mesmo até a própria ética. Toda a conturbação política ao nosso redor pode se dever à distorção da moral, a ética normativa do ser e o descaso com a educação.

Aquele que governa deve ser “inútil”, tal como afirma Platão na passagem do livro V ao VI da *República*. Mas é preciso entender que a utilidade é apenas algo prático e imediato. O governante deveria, na verdade, ir além do imediato, deveria pensar, executar, e acima de tudo sempre primar pela justiça. Em Platão pode-se entender que na democracia de sua época, além de inúteis, os governantes são também viciosos.

Assim, ao reler Platão pelo viés ético-metafísico de Vaz ousamos repensar o nosso presente político e almejar dias mais belos e voltados para o bem.